

Stickfighting, Non-Asian

Kevin P. Menard

O uso de um bastão, clava ou cajado como arma em combate ou em desportos de combate é chamado de luta com bastão. Hoje, esses usos podem ser classificados em dois tipos. Primeiro, há as artes que se desenvolveram para o uso com um bastão, como o makila nas terras altas bascas, o shillelagh na Irlanda, o quarterstaff na Europa e o bdjutsu em Okinawa. Em segundo lugar, existem as artes que se desenvolveram a partir do uso de outra arma, como a espada ou a lança. Essas artes incluem a canne d'armes na França, o singlestick na Inglaterra e o arnis de mano nas Filipinas. Dizer que o uso do bastão na luta é uma das armas mais antigas do homem é uma afirmação relativamente óbvia, apoiada pela arqueologia. Um galho quebrado, um chifre ou um osso grande da perna são excelentes porretes improvisados. Os sistemas de luta com bastão desenvolveram-se em todo o mundo e muitos sobrevivem hoje em dia sob a forma de desportos, danças folclóricas e atividades culturais, bem como sistemas de luta. Muitos outros sistemas não sobreviveram à introdução de armas de fogo pessoais fiáveis e formas desportivas de esgrima.

Em certa época, cada país da Europa parecia ter seu próprio sistema de luta com bastões. Lutar com bastões ou porretes era aceito para duelos judiciais na Europa medieval, e vários registros dessas lutas sobreviveram. No século XV, Olivier de la Marche contou sobre um duelo judicial entre dois alfaiates que lutaram com escudo e porrete. De acordo com um antigo costume da Borgonha, os burgueses de Valenciennes podiam participar num combate judicial com porretes. Esses civis da classe média tinham o escudo invertido (de cabeça para baixo), pois eram plebeus e, portanto, não podiam usar um escudo de cavaleiro. O perdedor era então levado e enforcado numa forca imediatamente fora da arena. Outros combates judiciais com porretes são relatados na Inglaterra, Alemanha e França. Na peça Henrique VI, Parte 2, de Shakespeare, um julgamento por combate entre um mestre e seu aprendiz com porretes é baseado em um caso histórico (ato 2, cena 3). Na Irlanda, o uso da bengala, do shillelagh e do cajado era comum, pois os ocupantes britânicos restringiam o acesso da população às armas. A associação do shillelagh com os irlandeses nos Estados Unidos é tão forte que o shillelagh se tornou um dos símbolos do Dia de São Patrício. Várias outras armas foram usadas, e há algumas tentativas de preservar ou recriar esses sistemas sob o nome de brata (bastão). O Reino Unido tinha vários sistemas nativos, associados não apenas aos galeses, escoceses e ingleses em geral, mas também a regiões locais. No século XIX, dois sistemas parecem predominar: o quarterstaff e o singlestick. O quarterstaff, um bastão de 1,80 m com cerca de 3 a 3,8 cm de diâmetro, remonta aos tempos mais antigos. Mencionado nas histórias dos saxões e vikings, tornou-se a arma

preferida dos camponeses. É mencionado em *Paradoxes of Defense*, de George Silver, e no final do século XVII, um marinheiro britânico derrotou três oponentes armados com rapiers numa luta perante um e de um tribunal espanhol. Foi praticado como desporto pelos militares britânicos até ao século XX e ensinado aos escuteiros no Reino Unido e nos Estados Unidos até ao final da década de 1960. As técnicas do bastão foram ensinadas à polícia no Reino Unido, nos Estados Unidos e na Índia para uso com cassetetes anti-motim, e o Jathi, um bastão da polícia indiana com cerca de 1,5 m de comprimento, mostra uma influência considerável dele. Atualmente, ainda é usado para treinamento militar, e vários grupos estão a preservá-lo ou recuperá-lo, juntamente com outras artes marciais inglesas.

O bastão ou singlestick era originalmente usado para treinar soldados na técnica da espada, mas mais tarde tornou-se uma arte marcial própria. Os civis praticavam-no como um desporto e como um método de defesa pessoal com uma bengala. Como um desporto violento, era ensinado e praticado em faculdades, escolas e feiras municipais. O jogo com o bastão era um descendente distinto do jogo com espadas curtas e punhais da época de Silver, que os gladiadores da época de James Miller e James Figg ainda reconheciam. Miller, ele próprio um notável mestre de defesa, publicou um livro em 1737 com gravuras detalhando as armas do ofício, incluindo o bastão. James Figg era considerado o maior mestre de defesa e um professor bem conhecido no mesmo período. À medida que o uso das armas tradicionais desaparecia dos campos de batalha, os mestres ganhavam dinheiro realizando exibições e lutas públicas, como os gladiadores da antiguidade. Esses profissionais travavam alguns de seus duelos no palco com uma espada escocesa na mão direita e, na esquerda, uma arma mais curta, com cerca de 35 centímetros de comprimento, equipada com um punho semelhante ao das espadas, que usavam para aparar golpes.

Os jogadores de bastão copiaram essas armas de uma forma menos perigosa, com as lâminas de aço sendo substituídas por um bastão de freixo com cerca de um metro de comprimento e tão grosso quanto o dedo médio de um homem, com punhos (conhecidos pelo nome de potes), geralmente feitos de vime ou couro. Os jogadores de bastão eram frequentemente usados para aquecer o público para o evento principal. O objetivo original parecia ter sido o treino para o uso da espada.

O bastão único era simplesmente o uso de um bastão maior em vez de dois. Para evitar qualquer uso injusto da mão esquerda, essa mão era amarrada de várias maneiras, de acordo com as regras locais. Os homens, quando em combate, ficavam a uma distância de ataque, mantendo as pernas esticadas ou quase esticadas. Os cortes e estocadas eram executados como com o sabre ou a espada. Não havia estocadas nas formas mais antigas, mas as estocadas eram permitidas, e textos posteriores mencionam a estocada como aceitável. Era permitido um movimento considerável dos pés e do corpo e, em geral, várias semelhanças são observadas com o desporto da fraternidade

alemã schlager. Várias personagens fictícias, como Sherlock Holmes e Tom Brown, eram hábeis nisso. Sob algumas regras, as lutas continuavam até que um participante sangrasse da cabeça, uma polegada acima dos olhos. Escolas que ensinavam clientes mais refinados, como a escola de Angelo na década de 1750 em Londres, usavam jaquetas de couro e capacetes semelhantes a gaiolas. O singlestick era ensinado nas forças armadas e na polícia como uma forma de treino tanto para a espada quanto para o cassetete. Espalhado por todo o Império Britânico, parece ter influenciado a arte sikh do gatka, na qual a prática básica da espada e seus golpes se assemelham muito aos do singlestick. Na Inglaterra, era praticado em escolas particulares até a década de 1930. Tentativas de reviver o singlestick com o uso de jaquetas acolchoadas e máscaras de esgrima para maior proteção continuam até hoje.



James Figg teaches men the art of self-defense with the use of a backsword and quarterstaff in a trade card engraving by William Hogarth. (Hulton Deutsch Collection/Corbis)

A Irlanda também era um centro de luta com bastão, e o estilo mais bem documentado é o dos lutadores de facções do século XIX. A luta com bastão irlandesa usava um único bastão longo do tamanho de uma bengala, chamado bata, ou um par, com um bastão mais curto carregado na mão contrária. Este bastão curto é o que se tornou associado aos irlandeses nos Estados Unidos como o shillelagh. O termo era, na verdade, usado para um tipo de carvalho exportado para a Europa. O bastão mais longo era segurado no meio, de forma semelhante às técnicas de coulesse (que envolvem a mudança da extremidade de golpe do bastão) do bastão (bengala) na savate, de modo que a metade inferior ficava ao longo do antebraço e o protegia. Os golpes eram dados com a cabeça do bastão. Quando usado, o bastão mais curto servia para bloquear, como na luta com porretes descrita acima. Também se sabe que existiam técnicas para bastões mais longos (chamados wattles) e porretes. As lutas ocorriam em quase todos os lugares, e os homens treinavam desde jovens no uso do bastão, com cada facção tendo seu próprio mestre de esgrima. As lutas entre facções aconteciam com a participação de até mil homens, e existiam desafios rituais. As lutas ocorriam em velórios, feiras municipais e bailes, bem como por acordo prévio. As mulheres participavam, não com paus, mas com uma pedra dentro de uma meia ou lenço. Não é preciso dizer que as autoridades não aprovavam de forma alguma essas lutas. As lutas muitas vezes não eram duelos mortais, mas eram vistas como uma competição de habilidade rude, porém bemhumorada. G. K. Chesterton, escrevendo enquanto as memórias das lutas entre facções ainda estavam frescas, disse: “Se você alguma vez for à Irlanda, verá que é verdade o que dizem, que é a terra dos corações partidos e a terra das cabeças partidas” (1980, 261).

Os países escandinavos também tinham vários estilos que utilizavam a bengala e o bastão. Um deles ainda existe hoje, chamado Stav (bastão), que afirma ter uma descendência de 1.500 anos numa linha familiar. Além da luta com bastão, este sistema inclui treino no uso da espada e do machado. Muitos sistemas existiam nas terras germânicas e da Europa Central. Destes, dois estilos alemães de luta com bastão, stochfechten (luta com bastão) e Jaegerstocken (caça ou bengala), parecem ter sobrevivido até hoje. Além disso, uma espada de treino de madeira chamada dusack era uma arma popular entre os comerciantes no final da Idade Média. Registos de técnicas de luta com bastão são encontrados nos manuais de luta com espada da Europa, nos quais um bastão ou cajado curto (com cerca de um metro a um metro e meio de comprimento) é mostrado sendo usado contra uma espada. Além disso, muitos espadachins usavam varinhas para treinar com mais segurança, por isso é fácil ver como as técnicas de espada se entrelaçariam com as técnicas de bastão. Na Holanda, existiam sistemas de bengala e porrete semelhantes ao la canne et baton de hoje. Os bretões desenvolveram uma arte de luta com bastão que usa um bastão de 90 cm com uma ponta bifurcada ou em forma de gancho, como uma bengala. Parece estar associada à Lutte Breton (luta livre bretã), e a ponta em forma de gancho é usada para derrubar ou

prender o adversário. Os bascos têm sistemas para usar a makila (uma bengala que se separa em duas partes iguais com uma pequena lâmina escondida dentro de um dos lados), bem como o cajado de pastor, um bastão leve de 1,5 m. Ambos são usados na zipota (basco; luta com pontapés), bem como na dança folclórica. Os líderes tribais também carregavam a makila como um sinal de autoridade. A Espanha tinha artes semelhantes, hoje em dia praticadas principalmente como dança folclórica. Estas parecem estar intimamente relacionadas com a canne et baton da savate. Uma ordem de cavaleiros espanhóis (a Ordem da Banda) era obrigada a jogar com varas de e seis vezes por ano para manter o seu estatuto. Sem dúvida, a arte era familiar aos soldados espanhóis nas Filipinas, o que permitiu a rápida assimilação das técnicas espanholas nas artes locais de kali ou arnis, juntamente com as técnicas de espada y daga (espada e adaga). Um professor de esgrima local em Maryland, agora com setenta ou oitenta anos, ensinou as técnicas de espada e adaga que aprendeu junto com as armas de esgrima modernas quando era criança nas Filipinas, como filho de um membro das forças americanas. **Em Portugal, a arte do jogo do pau ainda existe como autodefesa, tradição cultural e desporto.**

A França tem a forma mais organizada e amplamente praticada de luta com bastão na Europa: a arte marcial da canne d'armes e a sua forma desportiva, la canne de combat. Estas estão intimamente associadas à savate. As técnicas de luta com bastão fazem parte da savate desde a sua codificação por Michel Casseux em 1803. Ele listou quinze técnicas de pontapé e quinze técnicas de bastão. Danse de rue Savate (Dança da Rua Savate) tem, na verdade, vários tipos de sistemas de luta com bastão: la canne d'armes, usando uma bengala ou bengala de passeio; a sua forma desportiva de canne de combat, usando um bastão (uma bengala de passeio de 65 polegadas); e o sistema de luta com bastão da Lutte Parisienne (Luta Parisiense), usando uma bengala curva. La canne d'armes é o sistema de combate de rua que se desenvolveu com a bengala durante a proibição do porte de espadas dentro dos limites da cidade de Paris sob as leis napoleónicas. A bengala é manuseada de forma muito semelhante a uma espada, e muitos esgrimistas passaram a praticá-la como uma alternativa legal à espada. Esta convergência de praticantes levou à introdução de muitas técnicas de espada pequena e de corte na la canne. A forma desportiva, la canne de combat, utiliza um conjunto limitado de seis técnicas. Estes seis cortes são chamados brisse (por cima da cabeça), crosse brisse (por cima da cabeça com o dorso da mão), lateral (lateral), crosse lateral (lateral com o dorso da mão), enlève (uppercut) e crosse enlève (uppercut com o dorso da mão). Os golpes e outros cortes são proibidos por serem considerados muito perigosos. Os cortes devem ser preparados (mão «armada») atrás do ombro, e os alvos legais são a parte inferior da perna, o corpo e a cabeça. É usado um fato acolchoado e um capacete. As lutas consistem em quatro rounds de dois minutos. O desporto é regulamentado na França pelo Comité National de Canne de Combat et Baton e nos Estados Unidos pela USA Savate and Canne de Combat Association, que faz parte da

International Guild of Danse de Rue Savate. O bastão é um bastão de 64 polegadas que se desenvolveu a partir da bengala e um sinal de autoridade carregado por certos oficiais e nobres na França. A arte de usá-lo foi ensinada aos cavaleiros como um método de defesa com a lança quando a pé e parece ter se desenvolvido a partir das armas de haste. Às vezes, é erroneamente chamado de bastão grande ou moutinet. Ao contrário do bastão, o bastão é segurado de forma que os polegares de ambas as mãos fiquem voltados um para o outro (a mão principal é pronada). Por fim, também é ensinada a bengala curva. Proveniente da Lutte Parisienne, esta é uma arma de impacto cuja extremidade em forma de gancho pode ser usada para prender, rasgar ou derrubar.

Na Rússia, a luta com bastão é chamada de shtyk e usa um bastão de 1,5 m chamado polka. Uma das histórias sobre a origem do shtyk atribui-o aos sacerdotes pré-cristãos do deus do trovão, Perun. Está intimamente associado ao uso da pica, uma das quatro grandes armas medievais russas (espada, machado, pica e martelo de guerra). A ênfase tanto no shtyk quanto na luta com pique russo era desequilibrar o oponente. Como as artes foram concebidas para combate em massa, o ideal era derrubar um oponente, criando uma abertura na sua linha e deixando-o para os seus companheiros acabarem com ele. Essa ênfase em derrubar também é vista no combate individual, no qual derrubar ou desequilibrar um oponente sem ferimentos é considerado um sinal de grande habilidade.

Mais tarde, essas mesmas técnicas foram adaptadas à baioneta. Shtyk está intimamente associado à família Golitsin, que era um dos ramos da família real antes da Revolução Russa. Os movimentos com a polka incluem balanços e estocadas, mas é dada mais ênfase ao alavancamento e ao torcimento (um tipo de estocada com torção). As defesas são idealmente stringing, um tipo de contato pegajoso em que se mantém o controle da arma do oponente. A Federação Russa de Artes Marciais (ROSS) está atualmente a patrocinar o desenvolvimento de uma forma desportiva da arte.

No Alto Egito (na verdade, nas terras altas ao sul), existe um sistema de artes marciais secular que usa bastões e espadas, chamado tahteeb. Na verdade, ele pode ser rastreado até a época do Faraó, pois desenhos nas paredes das antigas tumbas dos reis daquela época mostram figuras praticando a arte usando posturas do estilo kend6. Hoje em dia, os membros da Ikhwaan-al-Muslimeen (Irmandade Muçulmana) praticam-na nas suas escolas religiosas. Outro estilo que usa um bastão mais longo é encontrado entre os beduínos e é chamado naboud. Outros países do Médio Oriente, árabes e norteafricanos parecem ter tido sistemas semelhantes de luta com bastões, que normalmente derivavam da espada.

Na América do Norte e do Sul, a maioria dos sistemas de luta com bastão são formas importadas ou variações delas. As tribos nativas originais usavam vários bastões de madeira e espadas em combate, mas pouco ou nada se sabe sobre abordagens sistemáticas de treino. Na América do Norte atual, o que mais se aproxima de um

sistema nacional é o conjunto de técnicas de uso de bastão pela polícia e pelos militares. Isso parece ter sido desenvolvido a partir do singlestick, do quarterstaff e do la canne. Recentemente, pode-se observar uma enorme influência das técnicas de arnis, kali e j6 (japonês; bastão com aproximadamente 1,20 m de comprimento). Certos grupos étnicos preservaram, em maior ou menor grau, as artes de luta com bastão de sua terra natal. Os bascos no sul do Texas e em Idaho ainda mantêm o makila e o cajado de pastor, pelo menos na dança. Os ucranianos no oeste do Canadá preservam algumas técnicas de bastão na dança folclórica, assim como os grupos russos nos Estados Unidos. Os quebequenses têm traços da la canne, e os colonos checos no meio-oeste e no centro do Texas mantiveram partes do Sokol (falcão, a luta livre e o treino físico dos checos, bem como o nome do seu salão social) nos seus ginásios. No entanto, a maioria destes vestígios tem influência limitada e está a desaparecer à medida que as crianças se tornam mais americanizadas. As artes de luta com bastão mais populares parecem ser os sistemas arnis ou kali das Filipinas e as técnicas de cajado do aikidô. As tentativas recentes de reintroduzir a cana de combate ainda são limitadas em alcance, e o cajado e o bastão simples, apesar de terem sido importados pelos escuteiros, estão praticamente extintos.

Na América do Sul e no Caribe, o panorama é mais animador. Várias nações caribenhas têm lutas com bastões associadas ao festival do Carnaval (pouco antes do início da Quaresma). Trinidad e Tobago, na verdade, anuncia que competições de luta com bastões são realizadas durante o Carnaval. A luta com bastões parece ser baseada em técnicas de bastão e bastão policial usando a empunhadura pronada. Curiosamente, associado à luta com bastões está o uso do chicote pelos pierrots (palhaços), paralelamente à associação da canne et baton com o fouet (chicote) visto na savate. O bois (madeira) é praticado no que outrora foram as colónias francesas nas Caraíbas e parece ser a canne misturada com tradições africanas. Na América do Sul, a capoeira tem o maculélé, uma forma de dança e estilo de luta que usa bastões chamados grimas, que se assemelham muito às danças folclóricas bascas que usam o makila. Os bastões são usados no lugar de facões para reduzir o risco e esconder a habilidade das autoridades, e o estilo local de luta com facão é conhecido pelo mesmo nome.

See also Capoeira; Dueling; Masters of Defence; Philippines; Savate

References

Allanson-Winn, R. G., and C. Phillipps-Wolley. 1890. Broadsword and Singlestick with Chapters on Quarterstaff, Bayonet, Shillalah, Walking-Stick, Umbrella and Other Weapons of Self Defence. London.

Almeida, Bira, 1986. Capoeira: A Brazilian Art Form. Berkeley, CA: North Atlantic Books.

- Aylward, J. D. 1956. *The English Master of Fence from the Twelfth to the Twentieth Century*. London, England: Routledge and Kegan Paul.
- Brown, Terry. 1997. *English Martial Arts*. London: Anglo-Saxon Books.
- Buitron, Paul-Raymond. 1998. *Encyclopedia of Danse de Rue Savate*. Vol. 1. Laredo, TX: Border Studies Press.
- Chesterton, G. K. 1980. "Ballad of the White Horse." In *Collected Poems of G. K. Chesterton*. New York: Dodd, Mead, and Co.
- Conjat, Philippe. 1999. *Canne et Baton*. Paris: author.
- D'Amoric, G. 1898. *French Cane Fighting*. London: Weldon and Co.
- De la Marche, O. 1872. *Traites du duel judiciaire*. Brussels, Belgium.
- Delahyde, Michel. 1991. *Savate, Chausson, and Boxe Francaise*. Paris: Editions Francois Reder.
- Evangelista, Nick. 1998. *Fighting with Sticks*. Port Townsend, WA: Loompanics Unlimited.
- Fenn, G. M. 1889. *Cutlass and Cudgel*. London: Griffith.
- Godfrey, J. 1747. *A Treatise upon the Useful Science of Defence*. London: Gardner.
- Hutton, Alfred. 1901. *The Sword and the Centuries*. London: Grant Richards.
- Khalsa, N. D. S., and Rosemarie Ocasio. 1988. *Gatka: Book 1, Dance of the Sword*. Phoenix, AZ: GT International.
- Manual of Instructions for Single Stick Drill*. 1886. London: Harrison and Sons.
- O'Donnell, Patrick. 1975. *The Irish Faction Fighters of the 19th Century*. Dublin: Anvil Books.
- Retuinskih, Alexander. 1997. *Russian Style of Hand to Hand Combat*. Lancaster, PA: American Academy of Russian Martial Arts and Combat